

Inovação como política pública local: o Polo Digital de Mogi das Cruzes e seus efeitos no bem-estar social

Innovation as local public policy: the Mogi das Cruzes digital hub and its effects on social well-being

RODRIGO PEREIRA GARZI

TATIANA RIBEIRO DE CAMPOS MELLO

DANIELA LEITE JABES

RESUMO

Os Ecossistemas de Inovação favorecem o compartilhamento de conhecimento entre universidades, empreendedores, investidores e o poder público, configurando-se como espaços estratégicos de governança local. Quando implementados como políticas públicas municipais, podem contribuir para o fortalecimento do território e para a promoção de formas mais inclusivas de desenvolvimento. Este estudo exploratório avaliou a percepção de bem-estar dos usuários do Polo Digital de Mogi das Cruzes/SP — um dos pilares do Ecossistema Local de Inovação. A pesquisa utilizou um questionário adaptado do *World Happiness Report* (Helliwell, 2024), no contexto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNPD), aplicado a 270 usuários via grupo de WhatsApp, com 67 respostas válidas. Os resultados mostraram que 79% dos respondentes relataram níveis elevados de bem-estar, sugerindo uma possível associação entre ambientes de inovação e qualidade de vida. Os achados indicam que iniciativas locais de inovação podem atuar como mecanismos de democratização urbana, ao fortalecer o capital humano, o senso de pertencimento e a articulação entre diferentes atores locais. Ao mesmo tempo, a análise indica que desafios relacionados à participação e à inclusão ainda possam existir, reforçando a necessidade de abordagens críticas e de monitoramento contínuo para ampliar o impacto social desses ambientes.

Palavras-chave: Ecossistemas de inovação; Políticas públicas municipais; Bem-estar social.

ABSTRACT

Innovation ecosystems promote knowledge sharing among universities, entrepreneurs, investors, and public authorities, functioning as strategic spaces for local governance. When implemented as municipal public policies, they can contribute to territorial strengthening and foster more inclusive forms of development. This exploratory study assessed the well-being perceptions of users at the Digital Hub of Mogi das Cruzes/SP — a key component of the local innovation ecosystem. The research employed a questionnaire adapted from the World Happiness Report (Helliwell, 2024), within the context of the United Nations Development Programme (UNDP), applied to 270 users via a WhatsApp group, yielding 67 valid responses. Results showed that 79% of respondents reported high levels of well-being, suggesting a potential link between innovation environments and quality of life. Findings indicate that local innovation initiatives can act as mechanisms for urban democratization by strengthening human capital, fostering a sense of belonging, and enhancing collaboration among local actors, although challenges related to participation and inclusion persist.

Key words: Innovation ecosystems; Municipal public policies; Social well-being.

INTRODUÇÃO¹

A interação promovida pelas atividades realizadas nos Ecossistemas de Inovação favorece a troca de conhecimento, impulsionada pelas habilidades e competências de seus participantes. Esses ambientes se configuram como espaços propícios para o compartilhamento de ideias, aspirações, desafios e soluções, com potencial para fomentar trajetórias profissionais e contribuir para o bem-estar social, ainda que enfrentem limitações e desigualdades em sua estrutura e acesso. Além disso, desempenham papel estratégico na preservação e promoção da cultura de inovação local, gerando impactos significativos no desenvolvimento social (Nanjira; Preston, 2017).

Embora existam diferentes perspectivas em relação ao funcionamento, à estrutura, aos conceitos e às metodologias de análises dos Ecossistemas de Inovação, há consenso quanto ao impacto do incentivo econômico e da proximidade geográfica entre os agentes. Esses fatores exercem efeitos significativos na geração e disseminação de novos conhecimentos, com implicações relevantes para o desenvolvimento de políticas públicas de inovação (Garcia, 2022).

¹ Este artigo é fruto de pesquisa de mestrado desenvolvida pelo primeiro autor no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sob a orientação da segunda autora e co-orientação da terceira autora.

A articulação entre agentes econômicos, acadêmicos e o poder público na formação dos Ecossistemas de Inovação pode resultar em diferentes níveis de maturidade ou desenvolvimento. Esse grau de maturidade está diretamente relacionado ao nível de engajamento dos atores, ao impacto econômico gerado por suas atividades e à empregabilidade dos indivíduos que se beneficiam dos serviços e oportunidades disponibilizados. Quanto maior a sinergia entre esses agentes, mais robusto e sustentável se torna o ecossistema, o que permite ampliar sua capacidade de impulsionar o desenvolvimento regional e fortalecer a cultura de inovação (Rocha; Ferreira, 2004).

Considerando que o Poder Público deve reconhecer e exercer seu papel dentro do Ecossistema de Inovação local, é fundamental preparar o ambiente regulatório, mobilizar os demais atores e fortalecer uma identidade territorial capaz de reforçar o sentimento de pertencimento dos municípios. Dessa forma, as políticas públicas de inovação assumem uma função estratégica para atrair empresas, aumentar o nível de empregabilidade no município e viabilizar condições favoráveis ao empreendedorismo, impulsionando assim o desenvolvimento socioeconômico local, a exemplo do sistema municipal de inovação de Mogi das Cruzes (Mogi das Cruzes, 2017).

Mesmo em municípios onde já existem políticas de incentivo à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) como parte da estratégia para o desenvolvimento socioeconômico, não é possível afirmar de forma conclusiva que os resultados são amplamente verificados ou abrangentes em múltiplas dimensões. Estudos sobre indicadores de CT&I (Benelli, 2022) apontam que os impactos dessas políticas variam significativamente conforme o contexto local, o grau de articulação entre os atores envolvidos e a maturidade dos ecossistemas. Grande parte dos efeitos percebidos está relacionada às interações interpessoais que esses ambientes estimulam, podendo gerar sensação de segurança empreendedora e impulsionar iniciativas em estágio inicial de concepção (Reis, 2021).

Considerando que uma política pública eficiente deve gerar benefícios de interesse público, com foco na melhoria da qualidade de vida da população, os municípios precisam adotar estratégias que facilitem a integração entre os diversos atores do Ecossistema de Inovação. No Brasil, a formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico por meio da inovação tem sido tradicionalmente conduzida em âmbito federal, como exemplificado pela Lei de Inovação nº 10.973/2004 (Brasil, 2004) e pela criação da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI, 2024). Entretanto, nos últimos anos, têm-se intensificado o debate sobre o papel ativo dos municípios na definição de políticas públicas que fortaleçam os Ecossistemas Locais de Inovação, promovendo

interações mais dinâmicas entre universidades, empresas, investidores e órgãos governamentais (Santos; Segundo, 2023).

Desde a década de 1990, observa-se um movimento crescente de protagonismo municipal, marcado pela implementação de iniciativas locais como o Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc), referência sobre a contribuição dos parques tecnológicos para o desenvolvimento regional e a articulação entre universidade, empresas e governo. Obras como “Parques tecnológicos e desenvolvimento regional: o caso do Tecnopuc” (Audy, 2006) e “Tecnópoles no Brasil: estratégias de desenvolvimento regional” (Hauser, 2005) destacam a importância das políticas públicas municipais e regionais voltadas à inovação. Esse contexto evidencia a necessidade de compreender os Ecossistemas Locais de Inovação como espaços dinâmicos, cujos resultados dependem de múltiplas variáveis e exigem abordagens contextualizadas, críticas e integradas aos diversos atores envolvidos.

Neste contexto, o presente estudo tem como objeto analisar como o Polo Digital de Mogi das Cruzes, equipamento público instituído pela Lei Municipal nº 7.327/2017, no âmbito da política municipal de inovação (Mogi das Cruzes, 2017), influencia na percepção de bem-estar dos empreendedores participantes, considerando tanto efeitos positivos quanto possíveis desafios ou insatisfações decorrentes da interação com a política pública e com os diferentes atores do ecossistema.

METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo investigar o impacto do Polo Digital de Mogi das Cruzes, enquanto política pública municipal de inovação, na percepção de bem-estar social dos empreendedores participantes. Localizado a aproximadamente 60 km da capital paulista, o município de Mogi das Cruzes possui cerca de 455 mil habitantes distribuídos em 721 km². Com Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 16,2 bilhões e PIB per capita de R\$ 36.382, a cidade apresenta uma população ocupada de 113.622 pessoas, das quais 100.784 com vínculos formais de trabalho. Em 2022, foram registrados 11.733 Microempreendedores Individuais (MEIs) no município (CONDEMAT, 2022).

Instituído por meio de legislação municipal e inaugurado em setembro de 2017, o Polo Digital está localizado no distrito de César de Souza, em um espaço de 1.000 m², e integra as ações do Ecossistema Local de Inovação. Suas atividades estruturam-se em quatro programas principais: (1) eventos, palestras e workshops sobre empreendedorismo e inovação; (2) mentorias gratuitas com profissionais voluntários; (3) espaço de coworking com

acesso à internet; e (4) salas exclusivas para startups participantes do programa de incubação (Mogi das Cruzes, 2017).

Diante desse contexto, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022, foram registrados 209 atendimentos por meio do serviço de mentorias *online* no Polo Digital de Mogi das Cruzes. Durante esse período, 270 empreendedores vinculados às atividades do Polo foram convidados a participar da pesquisa por meio do grupo oficial de *WhatsApp*. A amostra final contou com 66 respondentes (32% do total), refletindo níveis relevantes de engajamento. Considerando a ausência de registros individualizados dos atendimentos, foram incluídos na pesquisa indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, que participaram de atividades do Polo entre 2020 e 2022. Foram excluídas pessoas menores de idade e aquelas que não completaram o questionário.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário *online* enviado via *WhatsApp*, utilizando o grupo oficial de usuários do Polo Digital como canal de acesso. Este modelo foi escolhido por razões práticas e estratégicas: permitiu alcançar rapidamente os participantes ativos do ecossistema, com baixo custo e facilidade de interação, aproveitando um espaço digital já consolidado para comunicação entre os empreendedores. No entanto, é importante destacar que se trata de uma amostra de conveniência, o que implica limitações metodológicas, incluindo possível viés de seleção, dado que apenas usuários presentes no grupo e familiarizados com o aplicativo puderam participar, e restrições à representatividade da população total do Polo Digital. Embora o WhatsApp tenha sido eficiente como canal de contato, a análise dos resultados considera essas limitações, destacando que os achados refletem exclusivamente a percepção dos usuários da amostra e não podem ser generalizados automaticamente para todos os integrantes do Polo Digital ou para outros contextos de inovação.

Do ponto de vista ético e técnico, foram adotadas medidas para garantir a validade e a confidencialidade das respostas: a participação foi voluntária, os respondentes receberam informações claras sobre os objetivos da pesquisa e a coleta foi estruturada de forma a preservar o anonimato, assegurando que os dados não pudessem ser vinculados individualmente aos participantes. O projeto foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Mogi das Cruzes, conforme protocolo nº 6.782.74, e conduzido em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), reforçando o compromisso com a privacidade e a segurança das informações.

O questionário elaborado com base no *World Happiness Report - WHR* (Helliwell, 2024) foi adaptado para o contexto local, com o objetivo de caracterizar o perfil dos usuários

do Polo Digital e compreender suas percepções sobre bem-estar social. Para isso, foram incluídas variáveis demográficas e socioeconômicas, como idade, gênero, escolaridade e tempo de residência no município, que não fazem parte do escopo central do WHR, mas se mostraram relevantes para a análise das correlações entre perfil dos respondentes e a percepção de bem-estar.

A escolha pelo *WHR* como referência metodológica se justifica pela sua ampla aceitação internacional e pela flexibilidade de aplicação em diferentes contextos. Estudos como o do Centre for Executive Education (2020) demonstram a aplicabilidade do *WHR* em investigações temáticas específicas, como a relação entre trabalho e felicidade, enquanto pesquisas nacionais (Silva *et al.*, 2020) discutem sua adaptação conceitual ao contexto brasileiro, reforçando a legitimidade de sua utilização em estudos locais sobre bem-estar subjetivo.

Por outro lado, dimensões como Produto Interno Bruto (PIB) per capita e expectativa de vida saudável, presentes no *WHR*, foram excluídas da versão aplicada, por se tratar de indicadores voltados à comparação entre países e à construção de *rankings* internacionais. Tais variáveis não seriam adequadamente captadas por meio de um questionário quantitativo e exploratório, especialmente em um estudo com recorte local e amostra limitada. A exclusão dessas dimensões buscou preservar a coerência metodológica e garantir a aplicabilidade do instrumento à realidade do Polo Digital de Mogi das Cruzes, ao mesmo tempo em que se mantém a possibilidade de identificar efeitos positivos, neutros ou negativos sobre a percepção do bem-estar dos participantes.

As percepções dos respondentes foram mensuradas em escala de 1 a 5. Os dados foram sistematizados em planilha eletrônica e armazenados em ambiente seguro de nuvem. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (Brasil, 2018).

A análise dos dados seguiu a metodologia proposta pelo *WHR*, permitindo a identificação da distribuição percentual das respostas e a realização de análises descritivas e comparativas entre diferentes grupos demográficos. A abordagem quantitativa adotada possibilitou avaliar com maior precisão os efeitos percebidos da política pública sobre a qualidade de vida dos empreendedores, destacando os fatores com maior impacto e contribuindo com subsídios para o aperfeiçoamento das iniciativas voltadas à inovação no nível local.

RESULTADOS

A primeira seção do questionário foi elaborada para descrever o perfil dos empreendedores que participam das atividades promovidas pelo Polo Digital. A amostra foi composta por 66 empreendedores que haviam participado ativamente das atividades do Polo, sendo 36 homens (54,55%) e 30 mulheres (45,45%). Dentre os participantes, 63,64% informaram residir em Mogi das Cruzes há pelo menos 10 anos, enquanto 16,67% vieram de outros municípios atraídos pelas iniciativas do Polo Digital (Tabela 1).

Além disso, um dado relevante para o perfil dos usuários é que 40,91% dos respondentes afirmaram frequentar o Polo Digital há menos de um ano, apesar de as atividades já existirem há mais de cinco anos. Quanto ao nível de escolaridade, 48,48% do público que frequenta o espaço possui graduação. A faixa etária predominante é de 41 anos ou mais, representando 43,75% das respostas.

A análise dos dados coletados revelou informações importantes sobre o perfil dos empreendedores. A maioria dos participantes reside em Mogi das Cruzes há pelo menos uma década, indicando uma forte conexão com a cidade e suas iniciativas. A presença de empreendedores de outros municípios também destaca o impacto regional do Polo Digital, atraindo indivíduos interessados em suas atividades e oportunidades.

A frequência dos participantes no Polo Digital é outro aspecto relevante. Apesar de as atividades existirem há mais de cinco anos, uma parcela significativa dos respondentes (40,91%), conforme tabela 1, afirmou frequentar o Polo há menos de um ano, comprovando o tempo de maturação do espaço.

O nível de escolaridade dos participantes também é um dado importante. Como apresentado na tabela 1, quase metade dos respondentes possui graduação, o que indica um público qualificado e interessado em desenvolvimento profissional e empreendedorismo. A faixa etária predominante de 41 anos ou mais representa uma parcela experiente da população, que pode trazer uma bagagem significativa de conhecimento e experiência para as atividades do Polo Digital (Desidério; Popadiuk, 2023).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes do Polo Digital de Mogi das Cruzes, incluindo tempo de frequência ao espaço, tempo de moradia na cidade, grau de escolaridade e faixa etária, segmentados por gênero.

Tempo de frequência	HOMEM		MULHER		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
0 a 1 ano	15	22,73%	12	18,18%	27	40,91%
2 a 5 anos	10	15,15%	12	18,18%	22	33,33%
5 a 10 anos	11	16,67%	6	9,09%	17	25,76%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,0%
Tempo de moradia						
0 a 1 ano	1	1,52%	1	1,52%	2	3,03%
10 anos ou mais	22	33,33%	20	30,30%	42	63,64%
2 a 5 anos	3	4,55%	1	1,52%	4	6,06%
5 a 10 anos	2	3,03%	5	7,58%	7	10,61%
Nunca morei em Mogi das Cruzes	8	12,12%	3	4,55%	11	16,67%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00 %
Grau de escolaridade						
Ensino médio	3	4,55%	—	—	3	4,55%
Graduação	18	27,27%	14	21,21%	32	48,48%
Mestrado/doutorado	3	4,55%	3	4,55%	6	9,09%
Pós-graduação	12	18,18%	13	19,70%	25	37,88%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00 %
Idade						
Até 25	9	14,06%	5	7,81%	14	21,85%
26 a 40	10	15,62%	12	18,75%	22	34,37%
41 acima	16	23,88%	12	18,75%	28	43,75%
Total geral	35	54,68%	29	45,31%	64	100,00 %

Fonte: Autoria própria.

A análise dos dados coletados revelou informações importantes sobre a participação de mulheres e homens nas atividades oferecidas pelo Polo Digital. Das 30 mulheres respondentes, 23 informaram já ter frequentado as palestras e workshops oferecidos pelo Polo Digital, o que representa 76,6%. Entre os homens, esse percentual sobe para 86,1%, indicando uma maior adesão às atividades educacionais e de capacitação (Tabela 2).

A segunda atividade mais frequente entre as mulheres é o networking, praticado por 70% delas. Entre os homens, 83,3% também se envolvem nessa atividade, destacando a importância das redes de contato e colaboração para ambos os grupos. No entanto, os percentuais se invertem quando se observa a frequência em atividades específicas, apontando

pessoas que procuram o Polo Digital para alguma atividade específica. Entre as mulheres, 36,6% utilizam o Polo Digital em busca de alguma atividade específica, como o uso do Coworking, participação em palestras ou mentorias. Já entre os homens, apenas 19% buscam o Polo para essas atividades isoladas (Tabela 2).

A diferença entre o tipo de atividades por gênero revela diferenças significativas na forma como homens e mulheres utilizam o Polo Digital. Enquanto a maioria dos homens parece buscar uma participação mais ampla e diversificada nas atividades oferecidas, uma parcela considerável das mulheres procura o Polo Digital com objetivos específicos, como o uso do coworking ou a participação em palestras e mentorias. Essa diferença pode refletir diferentes necessidades e expectativas entre os gêneros, destacando a importância de oferecer uma variedade de atividades que atendam às demandas de todos os participantes (Silva; Costa, 2022).

Tabela 2 – Frequência das atividades realizadas no Polo Digital, como coworking, palestras, mentorias e networking, distribuídas por gênero.

Qual atividade já realizou?	HOMEM		MULHER		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Coworking	–	–	1	1,52%	1	1,52%
Coworking, networking	1	1,52%	1	1,52%	2	3,03%
Coworking, incubação, mentorias, networking	–	–	1	1,52%	1	1,52%
Networking	4	6,06%	4	6,06%	8	12,12%
Palestras	3	4,55%	6	9,09%	9	13,64%
Palestras, coworking	1	1,52%	1	1,52%	2	3,03%
Palestras, coworking, mentorias	1	1,52%	–	–	1	1,52%
Palestras, coworking, mentorias, networking	3	4,55%	5	7,58%	8	12,12%
Palestras, coworking, networking	4	6,06%	4	6,06%	8	12,12%
Palestras, coworking, incubação, mentorias, networking	9	13,64%	3	4,55%	12	18,18%
Palestras, coworking, incubação, networking	1	1,52%	–	–	1	1,52%
Palestras, mentorias, networking	2	3,03%	1	1,52%	3	4,55%
Palestras, networking	4	6,06%	3	4,55%	7	10,61%
Palestras, incubação	1	1,52%	–	–	1	1,52%
Palestras, incubação, mentorias, networking	1	1,52%	–	–	1	1,52%
Palestras, incubação, networking	1	1,52%	–	–	1	1,52%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100%

Fonte: Autoria própria.

A segunda seção do questionário foi estruturada para captar a percepção dos entrevistados sobre o impacto do Polo Digital em seu bem-estar, abordando tanto sua trajetória profissional quanto sua vida pessoal. Utilizando uma escala de 1 a 5 para medir o nível de percepção, observou-se uma diferenciação significativa entre homens e mulheres quanto à importância atribuída ao Polo Digital na posição profissional atual. De maneira geral, a percepção é amplamente positiva, com 62,1% dos respondentes atribuindo o critério máximo de importância ao Polo Digital em suas trajetórias profissionais. Quando somados os critérios 4 e 5, essa porcentagem chega a 87,0% (Tabela 3)

Separando por gênero, 91,6% dos homens consideram o Polo Digital essencial para sua posição profissional, atribuindo as notas 4 e 5, enquanto entre as mulheres esse índice é de 83%. Em relação ao sentimento de pertencimento, ou seja, a sensação de integração ao Polo Digital, 70% das mulheres atribuem a nota máxima (5), enquanto 50% dos homens fazem o mesmo. No que diz respeito ao apoio recebido para a tomada de decisões

profissionais por meio das atividades do Polo, o padrão é semelhante: 70% das mulheres e 50% dos homens atribuíram a nota 5 (Tabela 3).

Os dados sobre a importância do polo revelam uma percepção amplamente positiva sobre o impacto do Polo Digital na trajetória profissional e pessoal dos entrevistados. A maioria dos respondentes atribui alta importância ao Polo Digital em suas trajetórias profissionais, destacando seu papel essencial no desenvolvimento e crescimento profissional. A diferença entre homens e mulheres na atribuição de notas máximas também é significativa, indicando que ambos os gêneros reconhecem o valor do Polo Digital, embora em proporções ligeiramente diferentes.

O sentimento de pertencimento ao Polo Digital é outro aspecto relevante. Uma parcela significativa das mulheres atribui a nota máxima à sensação de integração, enquanto metade dos homens faz o mesmo. Isso sugere que o Polo Digital tem sido eficaz em criar um ambiente acolhedor e integrador, especialmente para as mulheres. O apoio recebido para a tomada de decisões profissionais também é altamente valorizado, com uma proporção semelhante de mulheres e homens atribuindo a nota máxima.

Tabela 3: Avaliação dos usuários sobre a relevância do Polo Digital em sua trajetória profissional e pessoal, incluindo percepção de acolhimento, pertencimento e apoio nas decisões profissionais, segmentada por gênero.

Importância na posição profissional atual	HOMEM		MULHER		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
1	—	—	1	1,52%	1	1,52%
2	1	1,52%	1	1,52%	2	3,03%
3	2	3,03%	3	4,55%	5	7,58%
4	10	15,15%	7	10,61%	17	25,76%
5	23	34,85%	18	27,27%	41	62,12%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00%
Percepção de acolhimento						
1	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—
3	1	1,52%	—	—	1	1,52%
4	4	6,06%	1	1,52%	5	7,58%
5	31	46,97%	29	43,94%	60	90,91%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00%
Sensação de pertencimento						
1	1	1,52%	—	—	1	1,52%
2	1	1,52%	1	1,52%	2	3,03%
3	7	10,61%	2	3,03%	9	13,64%
4	9	13,64%	6	9,09%	15	22,73%
5	18	27,27%	21	31,82%	39	59,09%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00%
Amparo nas decisões profissionais						
1	4	6,06%	1	1,52%	5	7,58%
2	2	3,03%	2	3,03%	4	6,06%
3	9	13,64%	5	7,58%	14	21,21%
4	9	13,64%	10	15,15%	19	28,79%
5	12	18,18%	12	18,18%	24	36,36%
Total geral	36	54,55%	30	45,45%	66	100,00%

Fonte: Autoria própria.

Ao analisar o recorte etário dos frequentadores, observa-se um aumento gradual no grau de importância do Polo Digital na posição profissional atual à medida que a idade avança. Utilizando uma escala de 1 a 5 para medir o nível de percepção, os critérios 4 e 5 nas respostas indicam essa tendência, começando com 18% entre indivíduos entre 18 e 25 anos, aumentando para 29% entre 26 e 40 anos e alcançando 39% entre aqueles com mais de 40 anos (Tabela 4).

Existe uma correlação significativa entre a idade dos frequentadores e a importância atribuída ao Polo Digital em suas trajetórias profissionais. A tendência observada sugere que, à medida que os indivíduos envelhecem, eles tendem a valorizar mais o impacto do Polo Digital em suas posições profissionais. Isso pode ser explicado pela maior experiência e maturidade dos empreendedores mais velhos, que reconhecem a importância das oportunidades e recursos oferecidos pelo Polo Digital para seu desenvolvimento profissional (Martini *et al.*, 2024).

Tabela 4: Relação entre faixa etária dos usuários e o grau de importância atribuído ao Polo Digital na conquista da posição profissional atual.

Importância na profissão atual	1	2	3	4	5	Total
19 a 25	–	1,50	1 1,50	2 3,00	1 15,00	1 21,87
26 a 40	–	1 %	1 %	0 %	4 %	
41 acima	– 1,50 – % – 1	– 1,50 – % – 1 %	2 3,00 % 2 3,00	6 9,00 % 9 14,06 %	20,31 1 % 3 25,00 % 1 6	34,37 2 % 2 43,75 % 2 8
Total Geral	1 1,50 % –	2 3,00 % –	5 7,50 % –	1 26,06 % 7	3 60,31 % 9	6 10,00 % 4

Fonte: Autoria própria.

A análise do indicador de percepção sobre corrupção e uso adequado dos recursos públicos, utilizado na íntegra do *World Happiness Report*, foi realizada por meio da pergunta: “Em se tratando de um equipamento público, em uma escala de 1 a 5, quanto você acredita que os recursos públicos estão sendo bem aplicados?” A análise das respostas revelou diferenças significativas entre homens e mulheres. Entre os homens, 66,67% atribuíram a nota máxima (5), equivalente a 24 respondentes, enquanto entre as mulheres esse percentual foi de 80%, também correspondendo a 24 respondentes (Tabela 5).

Quando a variável “gênero” foi substituída por “tempo de uso do Polo Digital”, observou-se uma variação na percepção. Aqueles que frequentam o espaço há menos tempo demonstram uma avaliação mais positiva sobre a aplicação dos recursos públicos, enquanto entre os usuários de longa data, as opiniões tornam-se mais divididas (Tabela 5).

Os dados indicam a presença de diferenças na percepção sobre a aplicação dos recursos públicos entre homens e mulheres, bem como entre usuários com distintos tempos de utilização do Polo Digital. Embora não seja possível afirmar qual grupo apresenta

avaliação mais favorável ou desfavorável, os resultados sugerem que fatores como gênero e tempo de uso podem estar associados a percepções variadas sobre a gestão dos recursos públicos, o que merece atenção em análises futuras.

A variação na percepção com base no tempo de uso do Polo Digital também é relevante. Usuários que frequentam o espaço há menos tempo tendem a ter uma avaliação mais positiva sobre a aplicação dos recursos públicos, enquanto aqueles que utilizam o Polo Digital há mais tempo apresentam opiniões mais divididas. Isso pode indicar que a familiaridade com o espaço e suas atividades influencia a percepção sobre a gestão dos recursos públicos.

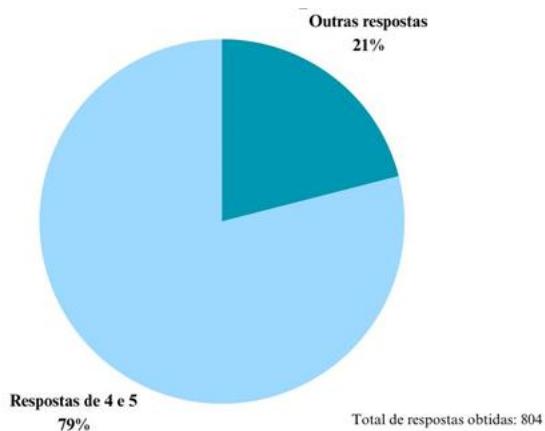
Tabela 5: Percepção dos usuários sobre o uso adequado de recursos públicos no Polo Digital, conforme o tempo de frequência ao espaço.

Correto uso do dinheiro público	0 a 1 ano	2 a 5 anos	5 a 10 anos	Total Geral
1	–	–	–	–
2	–	1	4,55%	1 1,52%
3	1 3,70%	–	2 11,76 %	3 4,55%
4	3 11,11%	6 27,27%	5 29,41 %	14 21,21%
5	23 85,19%	15 68,18%	10 58,82 %	48 72,73%
Total Geral	27 100,00 %	22 100,00 %	17 100,00 %	66 100,00 %

Fonte: Autoria própria.

Em uma visão geral, os 66 entrevistados responderam um total de 804 perguntas no formato de escala de 1 a 5 para medir a percepção em relação aos diferentes aspectos do bem-estar social. A análise das respostas revelou que 79% das respostas foram localizadas entre os critérios 4 e 5, considerados os mais altos em relação ao bem-estar, conforme figura 1, dados que indicam uma percepção amplamente positiva dos entrevistados sobre os diferentes aspectos do bem-estar social. A predominância de respostas nos critérios 4 e 5 sugere que a maioria dos participantes atribui uma alta importância aos fatores avaliados, refletindo uma satisfação geral com as dimensões de bem-estar social abordadas no questionário.

Figura 1: Distribuição percentual das respostas ao questionário sobre o impacto do Polo Digital, com base em escala de avaliação de 1 a 5.



Fonte: Autoria própria.

Os dados apresentados revelam não apenas o perfil sociodemográfico dos participantes, mas também uma trajetória de engajamento que se intensifica à medida que os empreendedores se familiarizam com o ambiente do Polo Digital. A percepção positiva em relação ao bem-estar, à qualidade das conexões estabelecidas e ao suporte recebido para decisões profissionais confirma o papel estratégico do Polo como catalisador de desenvolvimento humano e social. Esses resultados, ao evidenciar a diversidade de experiências e a valorização do espaço por diferentes grupos, especialmente mulheres e profissionais acima dos 40 anos, oferecem subsídios relevantes para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e eficazes no campo da inovação.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos, é possível aprofundar a análise sobre os impactos do Polo Digital de Mogi das Cruzes enquanto política pública local de inovação. A seção de discussão propõe uma reflexão crítica sobre os dados, articulando-os com experiências nacionais e internacionais, e explorando os potenciais e desafios que emergem da atuação do Polo como espaço de transformação social. Ao conectar evidências empíricas com referenciais teóricos e práticas de outros territórios, busca-se compreender como o Polo contribui para a construção de um ecossistema plural, resiliente e orientado ao bem-estar coletivo.

Na etapa de qualificação dos respondentes, um dos primeiros indicadores que se destaca é o fato de 16,7% dos participantes da pesquisa não residirem em Mogi das Cruzes,

mas sim em outras cidades da região ou até mesmo de localidades mais distantes. Esse dado revela um aspecto estratégico e altamente relevante: o ecossistema de inovação representado pelo Polo Digital está ultrapassando os limites geográficos do município, consolidando-se como um polo de atração regional, e possivelmente metropolitana, para empreendedores, profissionais criativos e agentes de transformação. A presença de participantes externos reforça a tese de que ambientes de inovação bem estruturados têm o potencial de irradiar valor e gerar conexões muito além de suas fronteiras imediatas. Essa característica é uma das marcas dos principais *hubs* de inovação ao redor do mundo. Cidades como Amsterdã e Copenhague, na Europa, ou Singapura e Hong Kong, na Ásia, competem estrategicamente na atração de talentos, startups e investimentos justamente por oferecerem infraestrutura, programas de capacitação, acesso a redes de negócios e uma cultura vibrante de empreendedorismo (Chou, 2023).

Embora as cidades mencionadas de Amsterdã, Copenhague, Singapura e Hong Kong sejam reconhecidas por seus ecossistemas de inovação, é importante considerar as diferenças de escala, estrutura institucional e contexto socioeconômico em relação a Mogi das Cruzes. Para aprofundar a análise em perspectiva comparada e manter a coerência territorial, é mais adequado mobilizar exemplos nacionais que compartilham características semelhantes, como o protagonismo municipal, a articulação entre atores locais e a capacidade de atrair empreendedores de fora da região.

Cidades como Santa Rita do Sapucaí/MG (Sabetta-Morales, 2022), conhecida como “Vale da Eletrônica”, e Florianópolis/SC (Andion, 2022), referência em *startups* e inovação digital, desenvolveram ecossistemas robustos e inclusivos, com políticas públicas locais que estimulam a formação de capital humano, redes colaborativas e ambientes de experimentação. Estudos como os de Sabetta-Morales e Andion sobre a dinâmica de trocas de conhecimento em ambientes inovadores reforçam que municípios fora dos grandes centros urbanos podem desempenhar papel estratégico no desenvolvimento regional.

Nesse contexto, o Polo Digital de Mogi das Cruzes começa a se posicionar como um agente catalisador de desenvolvimento socioeconômico regional, funcionando como um centro de apoio local e, também, como um atrator potencial de capital humano qualificado, criatividade e inovação, desde que sustentado por políticas públicas consistentes e mecanismos de avaliação contínua. Ao atrair participantes de fora da cidade, o Polo não apenas fortalece sua reputação, como também amplia sua influência e cria um círculo virtuoso de trocas, parcerias e oportunidades, alinhado às melhores práticas globais de

planejamento urbano e gestão de ecossistemas empreendedores. De acordo com o Sebrae/PR (2023), ecossistemas locais de inovação têm papel estratégico no desenvolvimento regional ao integrar diversos atores em ambientes colaborativos. Sabetta-Morales (2022) destaca que *hubs* como o de Santa Rita do Sapucaí (MG) geram empregos qualificados e atraem investimentos, fortalecendo a economia local.

No que diz respeito à capacidade de atração do público ao equipamento público representado pelo Polo Digital, os dados da pesquisa revelam um aspecto relevante: a maioria dos entrevistados (40,91%) afirma frequentar o espaço há menos de um ano. Esse dado sugere que o Polo ainda se encontra em uma fase de consolidação do seu público, o que é natural em ecossistemas emergentes de inovação, especialmente quando há renovação contínua de eventos, programas e iniciativas que estimulam a curiosidade e a participação de novos atores.

Entretanto, ao analisarmos essa informação sob uma perspectiva crítica e comparativa, torna-se evidente que a simples existência de um ambiente inovador não garante, por si só, a inclusão ampla e equitativa da população. Em Salvador, o programa Inova Salvador (Salvador, 2023), uma iniciativa municipal de incentivo à inovação tecnológica com benefícios tributários como ISS (Imposto sobre Serviços) reduzido e isenção por até cinco anos de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), surge como exemplo de política pública voltada à inclusão. O caso de Salvador ilustra esse paradoxo: embora o projeto tenha metas ambiciosas voltadas à inclusão social e ao fortalecimento da participação cidadã, estudos empíricos indicam que, na prática, persistem desafios significativos relacionados à exclusão. Pesquisas como a de Andrade e Maré (2022) mostram que *hubs* comunitários de inovação, quando não planejados com foco em acessibilidade e diversidade, podem se tornar ambientes excludentes, especialmente para populações periféricas, com menor escolaridade ou familiaridade com jargões técnicos. Entre os problemas identificados estão barreiras simbólicas, linguagem inacessível, baixa representatividade de grupos vulneráveis e falta de escuta ativa.

Diante desse paradoxo – metas ambiciosas versus resultados discutíveis - as ações do projeto de Salvador devem ser compreendidas como estratégicas a um cenário de desigualdade persistente, e não como indicadores de inclusão já alcançada. Esse exemplo evidencia a necessidade de que políticas públicas de inovação contemplam mecanismos contínuos de avaliação, participação cidadã e correção de rota, garantindo que a promessa de inclusão não se transforme em mais uma camada de exclusão.

Essa reflexão é particularmente relevante para o caso de Mogi das Cruzes, onde o Polo Digital se apresenta como uma iniciativa pública com potencial de impacto social, mas que também enfrenta o desafio de não reproduzir padrões excludentes. A adoção de práticas como linguagem acessível, escuta ativa da população periférica e formação de base pode posicionar o Polo como um espaço de inovação efetivamente inclusivo. Mais do que replicar modelos consagrados, trata-se de construir soluções enraizadas nas realidades locais, capazes de dialogar com diferentes perfis de usuários e de promover trajetórias empreendedoras diversas.

No que diz respeito ao perfil etário dos entrevistados, a pesquisa revela um dado especialmente significativo: a faixa predominante entre os participantes é composta por pessoas com 41 anos ou mais, representando 43,75% do total. Esse recorte demográfico traz à tona uma oportunidade estratégica frequentemente subestimada nos ecossistemas de inovação: o potencial transformador dos profissionais mais experientes (Martini, 2024). Longe de estar à margem das transformações em curso, a geração acima dos 40 anos tem demonstrado interesse em se atualizar, adquirir novas habilidades e acompanhar as mudanças do mercado, especialmente nas áreas ligadas ao empreendedorismo tecnológico. Entre os entrevistados com mais de 41 anos, 25% atribuíram a nota máxima ao papel do Polo Digital em suas trajetórias profissionais, o que reforça a relevância do espaço não apenas na formação de novos talentos, mas também como ambiente de requalificação e reinvenção de carreiras. Em um contexto marcado por mudanças aceleradas nas formas de trabalho, esse tipo de apoio se mostra cada vez mais necessário. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2022) destaca, por exemplo, que políticas públicas voltadas ao empreendedorismo — especialmente o feminino — devem priorizar ações de capacitação, acesso a financiamento e fortalecimento de redes de apoio.

Esse cenário converge com os achados do estudo “Idadismo no Mercado de Trabalho”, que aponta a urgência de políticas públicas voltadas à reinserção e valorização dos profissionais maduros (Do Carmo, 2023). O relatório destaca que o preconceito etário ainda é uma barreira significativa, mesmo em setores em que a experiência poderia ser um diferencial competitivo. Nesse contexto, centros de inovação como o Polo Digital têm a oportunidade e responsabilidade de se tornarem espaços de reconexão geracional, promovendo ações de capacitação, mentorias intergeracionais e programas de *upskilling* que contemplem as especificidades dessa faixa etária. Estudo publicado na Revista de

Administração Pública (Silva; Franco, 2022) aponta que tais políticas ainda enfrentam desafios estruturais, mas são fundamentais para a equidade econômica.

A valorização de uma abordagem inclusiva e intergeracional vai além de um compromisso com a equidade: trata-se também de uma estratégia que amplia a capacidade de inovação e adaptação das organizações. Profissionais com mais de 40 anos contribuem com experiências acumuladas, repertórios diversos, redes consolidadas e maior maturidade emocional — elementos que favorecem a criação de negócios mais sólidos e a gestão em contextos desafiadores. Ao incorporar essa diversidade etária em suas práticas, o Polo Digital demonstra sintonia com a perspectiva do aprendizado contínuo ao longo da vida (*lifelong learning*) e com a construção de um ecossistema de inovação plural, capaz de reunir diferentes gerações em torno de objetivos comuns de criação, colaboração e transformação (Silva; Franco, 2022).

A análise comparativa entre as respostas de homens e mulheres entre os participantes da pesquisa denota nuances importantes no modo como cada grupo percebe o ambiente do Polo Digital. Um dado particularmente relevante emerge nas dimensões de pertencimento e acolhimento: as mulheres, de maneira recorrente, atribuíram a nota máxima (5) a esses critérios, indicando que se sentem mais acolhidas e integradas ao espaço. Esse resultado é altamente significativo, especialmente quando contrastado com os desafios historicamente enfrentados por mulheres que decidem trilhar o caminho do empreendedorismo (SEBRAE, 2024).

Pesquisas sobre o empreendedorismo feminino, como apontado por Vieira (2022), evidenciam que muitas mulheres enfrentam barreiras estruturais e culturais, desde a sobrecarga com responsabilidades familiares até o desestímulo por parte de suas redes de apoio, o que frequentemente compromete a continuidade e o crescimento de seus negócios. Nesse contexto, a existência de ambientes que acolhem e promovemativamente a presença e o protagonismo feminino torna-se um diferencial de alto impacto social e econômico (Lima, 2024).

O Polo Digital, ao demonstrar ser percebido como um espaço de acolhimento e incentivo, tem se posicionado como um agente promotor da equidade de gênero no ecossistema de inovação, embora esse caminho ainda demande esforços para ampliar a representatividade feminina em posições de liderança e garantir a permanência das empreendedoras no ambiente. Nesse sentido, os resultados obtidos sugerem que o ambiente está conseguindo romper com padrões tradicionais excludentes, ao oferecer às mulheres infraestrutura e capacitação, além de segurança para poderem se expressar, criar e liderar com

autenticidade. Trata-se de um modelo que se alinha à agenda global de inovação com impacto social, que entende que a diversidade é essencial para a geração de criatividade, resiliência e inovação. Avançar nesse caminho significa, também, criar políticas e programas que não apenas mantenham, mas aprofundem esse acolhimento. Mentorias femininas, redes de apoio mútuo, visibilidade para lideranças femininas e a inclusão de temas como equidade e parentalidade empreendedora nas formações podem consolidar o Polo como referência nacional em inovação inclusiva com recorte de gênero. Um espaço onde ser mulher e empreendedora não seja exceção, mas potência (Brasil, 2022).

Muito próximo das dimensões de pertencimento e acolhimento, destaca-se a percepção de apoio à tomada de decisões profissionais, um aspecto determinante no percurso de qualquer empreendedor, especialmente para as mulheres. Os dados da pesquisa mostram que as mulheres relataram sentir-se mais apoiadas do que os homens nesse quesito, o que reforça a ideia de que o Polo Digital tem se configurado como um espaço não apenas técnico, mas emocionalmente seguro e estimulante para o empoderamento feminino. Essa percepção positiva ressoa com práticas adotadas em outras regiões do país que enfrentam desafios semelhantes no fortalecimento do empreendedorismo entre mulheres, como é o caso de Porto Velho/RR, onde a iniciativa pública “Feira da Mulher Empreendedora” (Souza, 2022) tem sido uma estratégia de visibilidade, valorização e incentivo à atuação feminina nos negócios.

Essa conexão entre dados locais e políticas públicas de outras regiões evidencia um padrão crescente de reconhecimento da importância de ambientes de inovação que também funcionem como plataformas de inclusão e suporte. No caso do Polo Digital, a atuação vai além da oferta de capacitações e redes de contato: ele se firma como um espaço de escuta ativa, validação das trajetórias femininas e estímulo ao protagonismo de mulheres que, muitas vezes, chegam até ali enfrentando múltiplas camadas de desafios.

Criar um ambiente em que o apoio à tomada de decisões seja perceptível e vivenciado pelas participantes contribui para consolidar uma cultura de inovação mais equitativa. Isso implica garantir o acesso a ferramentas e recursos técnicos, bem como fortalecer a autoconfiança, a autonomia e a presença de mulheres em posições de liderança. Tais práticas se articulam ao ODS 5 – Igualdade de Gênero e refletem a compreensão de que a diversidade de perspectivas constitui um dos alicerces centrais dos processos inovadores. Nesse contexto, o Polo Digital apresenta potencial para se tornar referência na promoção da equidade de gênero no ecossistema de inovação, por meio de trilhas formativas específicas,

programas de mentoria com lideranças femininas, editais voltados ao empreendedorismo de mulheres e ações de valorização de trajetórias empreendedoras locais. A proposta busca ampliar a participação e integrar de forma estratégica as contribuições femininas ao desenvolvimento do território.

A análise das atividades realizadas no Polo Digital evidencia diferenças significativas entre os perfis de engajamento de homens e mulheres. Os dados indicam que os homens costumam explorar uma variedade maior de possibilidades oferecidas pelo espaço, participando de cursos, eventos, ações voltadas ao desenvolvimento de negócios e usufruindo de forma ampla da infraestrutura disponível. Em contraste, as mulheres demonstram um envolvimento mais direcionado, com ênfase em aprendizado técnico, *networking* estratégico e participação em mentorias. Esse comportamento também pode ser observado no estudo de Ana Carla Nascimento Santos, *O papel das mulheres na inovação tecnológica*, destacando como as mulheres tendem a adotar estratégias de engajamento mais direcionadas e focadas em desenvolvimento técnico e relacional, enquanto os homens exploram com mais amplitude os recursos disponíveis (Nascimento Santos, 2024).

O tipo de engajamento identificado no estudo pode refletir motivações distintas no momento de empreender, considerando que muitas mulheres iniciam seus negócios por necessidade, ao buscar garantir a geração de renda e o sustento familiar. Trata-se de um empreendedorismo voltado à sobrevivência, frequentemente condicionado por barreiras estruturais à inserção no mercado formal de trabalho, como a sobrecarga com tarefas domésticas, a responsabilidade pelo cuidado de filhos e a ausência de redes de apoio. Já os homens tendem a empreender por oportunidade, identificando no ecossistema de inovação um ambiente propício à expansão de ideias e à consolidação de trajetórias empresariais (Bandeira, 2020). Essa realidade não deve ser interpretada como uma limitação do potencial feminino, mas como um alerta para a importância de desenvolver políticas e práticas que reconheçam essas diferenças e atuem para equilibrar o jogo. O fato de as mulheres buscarem capacitação, conexões e mentorias com intensidade e intencionalidade aponta para uma sede de desenvolvimento e autonomia, que pode ser canalizada em direção a empreendimentos de alto impacto, desde que recebam o suporte necessário (Rocha; Reis, 2024).

O Polo Digital, nesse sentido, se posiciona como um ambiente que pode catalisar a transição do empreendedorismo de necessidade para o empreendedorismo de oportunidade. Ao identificar e acolher essas especificidades, o espaço tem a chance de oferecer soluções personalizadas, como trilhas de capacitação voltadas ao fortalecimento de competências de gestão, programas de microcrédito, orientação jurídica e incentivos à formalização de

negócios liderados por mulheres. Mais do que apenas disponibilizar recursos, trata-se de construir uma jornada de pertencimento, confiança e crescimento, que transforme desafios em potência e histórias de superação em exemplos de inovação com impacto social. Ao abraçar essa missão, o Polo Digital reforça seu papel não apenas como espaço de inovação, mas como agente de transformação social com olhar atento à equidade de gênero e às múltiplas realidades do empreendedorismo feminino (Natividade, 2022).

A jornada do empreendedor no Polo Digital segue uma lógica de envolvimento progressivo, que parte do interesse inicial por conhecimento até a maturação para a criação de uma *startup*. Os dados evidenciam um funil de engajamento bastante representativo, onde cada etapa se conecta de forma orgânica à anterior, refletindo um modelo eficiente de atração, retenção e desenvolvimento de talentos empreendedores. O ponto de partida mais recorrente é a participação em palestras e workshops, com 81,8% dos respondentes indicando essas atividades como porta de entrada no ecossistema. Esse dado reforça a importância do conhecimento como catalisador do primeiro contato com o ambiente de inovação, revelando que a sede por aprendizado continua sendo um dos maiores motivadores de mobilização (Rocha, 2024).

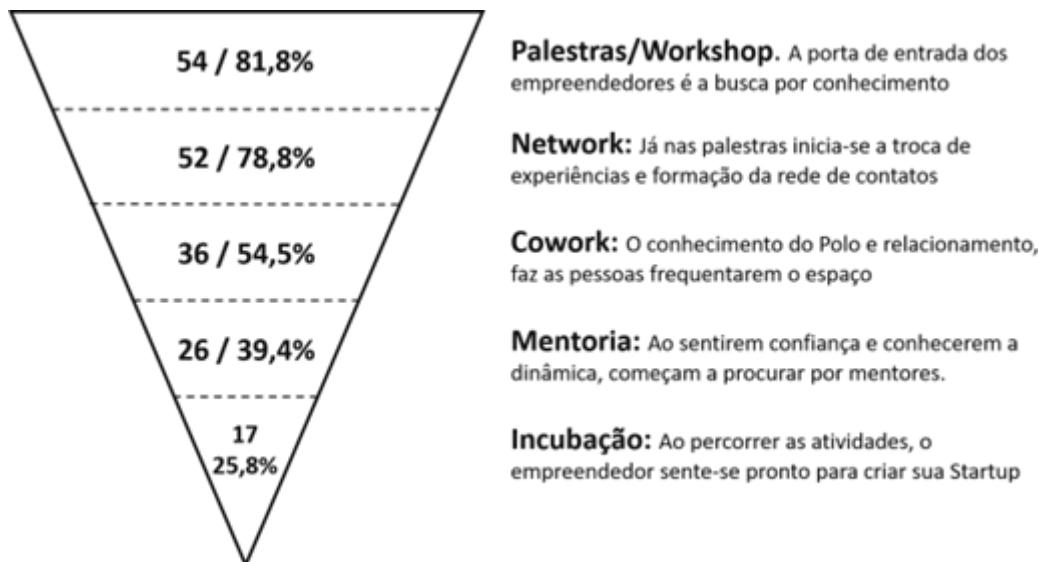
Na sequência, o *networking* emerge como uma continuidade natural, sendo mencionado por 78,8% dos participantes. As trocas iniciadas nas palestras ampliam-se em conexões que alimentam um senso de comunidade, demonstrando que, além do conteúdo técnico, o Polo Digital atua como um espaço de construção de capital social ativo, o que é fundamental para qualquer jornada empreendedora (Silva *et al.*, 2023).

Com o avanço no engajamento, o uso do *coworking* passa a se intensificar, sendo citado por 54,5% dos respondentes. O espaço físico se transforma em um território simbólico de pertencimento e produtividade, onde os laços criados anteriormente se consolidam em convivência, colaboração e cocriação. O *cowork*, nesse sentido, deixa de ser apenas uma estrutura para se tornar parte da identidade do ecossistema (Ferreira *et al.*, 2022). A partir dessa familiaridade com o ambiente, surge a busca por mentorias, mencionada por 39,4% dos participantes. Esse é um ponto crucial de transição: ao sentirem-se acolhidos, informados e conectados, os empreendedores passam a desejar orientação especializada, compreendendo que o sucesso sustentável está diretamente associado ao aprendizado contínuo com quem já percorreu o caminho (Silva *et al.*, 2023).

Por fim, o funil de engajamento se estreita, concentrando os participantes mais preparados na etapa da incubação, com 25,8% dos entrevistados indicando que, ao longo

dessa trajetória, sentiram-se prontos para iniciar formalmente suas *startups*. Esse marco representa a culminância de um processo estruturado e intencional de amadurecimento empreendedor, no qual o Polo Digital atua como guia, terreno fértil e plataforma de lançamento. A figura 2 demonstra a eficácia de um ecossistema de inovação que reconhece o empreendedor como protagonista em constante evolução. Ao desenhar experiências integradas, que vão do primeiro contato à formalização do negócio, o Polo se posiciona como um espaço estratégico de desenvolvimento socioeconômico local, pois atua na formação de empresas, com líderes mais conscientes, conectados e preparados para gerar impactos positivos em suas comunidades.

Figura 2: Atividades mais procuradas pelos usuários do Polo Digital, com destaque para a atividade de maior interesse.



Fonte: Autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Polo Digital, enquanto ambiente de inovação e fomento ao empreendedorismo, tem se consolidado como uma peça-chave no ecossistema de desenvolvimento socioeconômico de Mogi das Cruzes. Assim, o Polo se revela como uma plataforma viva de transformação, onde trajetórias empreendedoras podem ganhar forma e propósito. Este estudo, ao analisar a percepção dos frequentadores da amostra a partir de um questionário adaptado do *World Happiness Report* para o contexto local, evidencia que, para esses participantes, o Polo vai além de sua função instrumental de apoio a negócios, contribuindo

também de maneira significativa para dimensões subjetivas como bem-estar, pertencimento e realização pessoal. Embora outras experiências no Polo ainda possam não ter alcançado esses efeitos, os resultados obtidos apontam para o potencial do equipamento em gerar impactos positivos em múltiplas dimensões da vida dos empreendedores, quando adequadamente estruturado e apoiado por políticas públicas locais.

A análise dos dados revela que 72% dos respondentes atribuíram notas 4 ou 5 à sua percepção de qualidade de vida associada à experiência no Polo Digital, indicador robusto de satisfação que reforça a relevância do espaço não apenas como gerador de oportunidades econômicas, mas também como promotor de saúde mental, redes de apoio e senso de propósito. Embora seja prudente considerar possíveis vieses de seleção, dado que o público respondente pode ter maior identificação com a proposta do equipamento, o alto índice de avaliação positiva não pode ser ignorado. Ele aponta para uma correlação entre espaços de inovação bem estruturados e a melhoria na qualidade de vida de seus usuários.

De maneira ainda mais expressiva, os dados mostram um impacto diferencial nas trajetórias femininas, com as mulheres relatando maior percepção de acolhimento, apoio e segurança nas decisões profissionais. Esse dado ressoa com experiências de outras cidades brasileiras, como Porto Velho, que vêm investindo em políticas de inovação inclusiva com recorte de gênero, como a Feira da Mulher Empreendedora (Souza, 2022). O Polo Digital, nesse contexto, afirma-se como uma resposta concreta às lacunas históricas de equidade no empreendedorismo, oferecendo suporte tanto técnico quanto emocional às mulheres que escolhem esse caminho como forma de empoderamento e autonomia.

Ao final desta análise, é possível afirmar que o Polo Digital apresenta sinais de ir além de sua função tradicional de incubadora ou aceleradora de negócios. Ele se mostra como um equipamento urbano que apresenta potencial de impacto social relevante, com capacidade de articular desenvolvimento econômico com justiça social, inovação com inclusão e empreendedorismo com bem-estar, desde que suas ações sejam continuamente monitoradas e aprimoradas. Uma vez que se integra às políticas públicas locais, o Polo contribui para o surgimento de uma nova cultura empreendedora, mais diversa, resiliente e comprometida com o futuro sustentável da cidade, ainda que o aprofundamento de estudos futuros seja necessário para confirmar a extensão plena desse impacto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDI. (2024). Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Institucional, Brasília. Site www.abdi.com.br. Disponível em <https://www.abdi.com.br/institucional/>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.
- ANDION, C.; ALPERSTEDT, G.; GRAEFF, J. (2020). Ecossistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: em estudo em Florianópolis. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 54, p. 181-200. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/81093>. Acesso em: 30 de jul. 2025.
- ANDION, C.; ALPERSTEDT, G. D.; GRAEFF, J. F.; RONCONI, L. (2022). Social innovation ecosystems and sustainability in cities: a study in Florianópolis, Brazil. Environment, Development and Sustainability, v. 24, p. 1259-1281. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10668-021-01496-9>. Acesso em: 14 de nov. 2025.
- ANDRADE, M.; MARÈ, R. (2022). Hubs comunitários de inovação: uma nova fronteira para a cidadania plena na cidade inteligente de Salvador. REPAE - Revista de Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia. São Paulo, v. 8, p. 37-49. Disponível em: <https://repae-online.com.br/index.php/REPAE/article/view/307>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- AUDY, J. L. N. (2006). Livro: Parques tecnológicos e desenvolvimento regional: o caso do Tecnopuc. Porto Alegre: EDIPUCRS
- BANDEIRA, P. B.; AMORIM, M. V.; OLIVEIRA, M. Z., de. (2020). Empreendedorismo feminino: estudo comparativo entre homens e mulheres sobre motivações para empreender. Revista Psicologia, Organizações e Trabalho. Brasília, v. 20, n. 3, p. 1105-1113. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572020000300008&lng=pt&nrm=iso acesso em 13 fev.
- BENELI, D. S.; CARVALHO, S. A.; FURTADO, A. T. (2022). Indicador composto estadual de inovação (ICEI): uma metodologia para avaliação de sistemas regionais de inovação. Nova Economia. Belo Horizonte, v. 32, n. 2, p. 359-395. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeeconomia/article/view/6982>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BRASIL. (2004). Lei da Inovação Tecnológica: lei federal nº 10973, de 2 de dezembro de 2004. 1 ed. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm. Acesso em: 10 de jul. de 2025.
- BRASIL. (2022). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Mulheres & Inovação: práticas institucionais para a inclusão e a equidade de gênero na ciência, tecnologia e inovação (CT&I). Brasília: MCTI, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/publicacoes/mulheres-e-inovacao>. Acesso em: 30 de jul. 2025.
- CENTRE FOR EXECUTIVE EDUCATION. (2020). Does work make you happy? Evidence from the World Happiness Report. University for Peace. Disponível em: <https://centre.upeace.org/wp-content/uploads/2020/08/2.2-does-work-make-you-happy-evidence-from-the-world-happiness-report.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- CHOU, M.-H., ERKKILÄ, T., & MÖLSÄ, J. (2023). Crafting innovation hubs: Future cities and global challenges. The British Journal of Politics and International Relations. Thousand Oaks, CA, v. 26, p. 694-717. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13691481231191921>. Acesso em: 30 de jul. 2025.

- CONDEMAT. (2022). Consórcio de Desenvolvimento dos Municípios do Alto Tietê. Caderno de Negócios 2022. Mogi das Cruzes. Site www.condemat.com.br. Disponível em <https://bit.ly/4duGo0l>. Acesso em: 05 de jul. de 2025.
- DO CARMO, E, G; MICALI, P, N; FUKUSHIMA, R, L, M. (2023). Idadismo no mundo do trabalho. Oikos: Família e Sociedade em Debate. Viçosa, v. 34, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/15267>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.
- DESIDÉRIO, P, H, M; POPADIUK, S. (2023). Redes de inovação aberta e compartilhamento do conhecimento: aplicações em pequenas empresas. RAI – Revista de Administração e Inovação, São Paulo. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rai/article/download/100335/98988/175051>. Acesso em: 30 de jul. 2025
- FERREIRA, E. R.; et al. (2022). Mapeamento dos Ecossistemas de Inovação Universitários no Brasil. In: XLII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Foz do Iguaçu. ENEGEP. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/364332051>. Acesso em: 01 de ago. 2025
- GARCIA, R. C.; et al. (2022). Revisitando os Sistemas Regionais de Inovação: teoria, prática, políticas e agenda para o Brasil. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 617–645. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/6932>. Acesso em: 30 de jul. 2025.
- HAUSER, G. (2005). Livro: Tecnópoles no Brasil: estratégias de desenvolvimento regional. São Paulo: Atlas.
- HELLIWELL, J. F., et al. (2024). World Happiness Report. University of Oxford: Wellbeing Research Centre. Nova Iorque. Disponível em <https://worldhappiness.report/ed/2024/#appendices-and-data>. Acesso em: 15 de ago. de 2024.
- LIMA, R. M. de; et al. (2024). Female Entrepreneurship in a Developing Context: Motivations, Challenges, and Drivers to Succeed in Brazil. Brazilian Administration Review. Niterói, v. 21, n. 2, e220157. Disponível em: <https://bar.anpad.org.br/index.php/bar/article/view/630>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- MARTINI, R. A.; MACHADO, L.; NASCIMENTO, L. O., do. (2024) O impacto dos fundos Ciatec no crescimento e inovação de startups: uma análise baseada em estudo de eventos. Estudos Econômicos. São Paulo, v. 54, n. 4. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ee/article/view/216973>. Acesso em: 30 de jul. 2025
- MOGI DAS CRUZES. (2017). Sistema Municipal de Inovação: lei municipal n. 7.327, de 26 de dezembro de 2017. Mogi das Cruzes, 1 ed. Disponível em: <http://ged.pmmc.com.br/weblink7/DocView.aspx?id=647907>. Acesso em: 25 de mar. de 2025.
- NANJIRA, S; PRESTON, W. J. (2017). Technology innovation hubs and policy engagement. All Voices Count Research Report. Brighton, v. 3. Disponível em: <https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/handle/20.500.12413/12860>. Acesso em: 24 de mar. de 2025.
- NASCIMENTO SANTOS, A. C. N. (2024). O papel das mulheres na inovação tecnológica: contribuições e desafios. Research, Society and Developmen, v. 15, n. 3, p. 45–60.

Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/47543> Acesso em: 22 de dez. De 2025.

NATIVIDADE, D, R. da. (2022). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 1-25.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/4W3tx5pLKYYTsTqtmQD9BC/>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

PNUD; BRASIL. (2022). Empreendedorismo feminino no Brasil: avanços e desafios. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

REIS, K, L, N; BALDESSAR, M, J. (2021). A influência da comunicação interna na inovação nas organizações: uma revisão sistemática integrativa. Organicom, São Paulo, v. 18, n. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.163373>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ROCHA, E. M. P.; FERREIRA, M. A. T. (2004). Indicadores da ciência, tecnologia e inovação: mensuração dos sistemas de Ctel nos estados brasileiros. Ciência da Informação. Brasília, v. 33, n. 3, p. 61-68. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/k9dPpTb3n8W6XBc5By54Zyh/?format=pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ROCHA, M, A, da; REIS, L, E, M, dos. (2024). O empreendedorismo feminino no Brasil: desafios e oportunidades no período de 2019 até 2024. Revista Facef Pesquisa. Franca, v. 27, n. 2, p. 1-20. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/facefpesquisa/article/viewFile/2868/1985>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

SABETTA-MORALES, F. A. (2022). Como Cultura, Tecnologia e Felicidade se inter-relacionam no território criativo: o caso de Santa Rita do Sapucaí. In: III Seminário Iberoamericano de Economia da Cultura. Belo Horizonte, SIEC 2022. Disponível em: https://pesquisas.face.ufmg.br/ecult/wp-content/uploads/sites/32/2022/06/Como-Cultura-Tecnologia-E-Felicidade-Se-Interrelacionam-No-Territorio_Sabettta-Morales.pdf. Acesso em: 14 de nov. 2025.

SALVADOR. (2023). INNOVA Salvador: cidades inclusivas e inovação cidadã. Salvador: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Inovação e Resiliência – SECIS. Disponível em: <https://incentivostributarios.sefaz.salvador.ba.gov.br/programa-de-incentivo-a-inovacao-inova-salvador/>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

SANTOS, A. R; SEGUNDO, G. S. A. (2023). Políticas públicas de inovação no Brasil: uma proposta de incentivo à ciência, tecnologia e inovação para o município de Itabuna-BA. Diké Revista Jurídica. Santa Catarina, v. 22, n. 24, p. 516–535. Disponível em: <https://revistadike.emnuvens.com.br/dike/article/view/1002>. Acesso em: 30 de jul. 2025.

SEBRAE. (2023). Ecossistemas Locais de Inovação. Curitiba: Sebrae/PR, 2023. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/inovacao/>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

SEBRAE. (2024). Empreendedorismo feminino no Brasil: desafios e o Sebrae Delas. Salvador: Sebrae/BA. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ba/artigos/empreendedorismo-feminino-no-brasil-desafios-e-o-sebrae-delas>. Acesso em: 01 de ago. 2025.

- SILVA, C, R, C; FRANCO, D, S. (2022). Diversidade em foco: uma análise crítica a partir de um site popular sobre administração. *Caderno de Administração*. Maringá, v. 30, n. 1, p. 31–46. Disponível: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/55987>. Acesso em: 01 de ago. 2025.
- SILVA, M; COSTA, J. (2022). Políticas públicas e empreendedorismo feminino no Brasil. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 789-808. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/4W3tx5pLKYYTsTqtmQD9BC/>. Acesso em: 30 de jul. 2025.
- SILVA, M. A.; OLIVEIRA, R. S.; COSTA, J. R. (2020). Felicidade e bem-estar subjetivo: uma análise a partir do Relatório Mundial da Felicidade. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 71, p. 476–490. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27535/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- SILVA, R, de O; PERIN, M, G; SAMPAIO, C, H. (2023). Network effects on radical innovation and financial performance: An empirical study in Brazil. *Brazilian Administration Review*. Niterói, v. 20, n. 1. Disponível em: <https://bar.anpad.org.br/index.php/bar/article/view/309>. Acesso em: 01 de ago.
- SOUZA, L, D, P, de; MICALI, P, N; FUKUSHIMA, R, L, M. (2022). Implementação e implicações da ação política de fortalecimento ao empreendedorismo feminino. *Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais – RPPI*. João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 158–183. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rppi/article/view/62512>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- TALENTO SÊNIOR. (2023). Hub de inovação para profissionais 45+. São Paulo: Talento Sênior. Disponível em: <https://hub.talentosenior.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- VIEIRA, D, M; VIEIRA, M, B, N; ENES, Y, O. (2022). Empreendedorismo feminino: significados, motivações e desafios das mulheres que decidem empreender. *REMIPE - Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco*. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 263–282, 2022. <https://doi.org/10.21574/remipe.v8i2.377>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Rodrigo Pereira Garzi

Mestre em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).

Tatiana Ribeiro de Campos Mello

Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do programa de pós-graduação em Políticas Públicas na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).

Daniela Leite Jubes

Doutora em Ciências e docente dos programas de pós-graduação em Políticas Públicas e Biotecnologia da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).